

Resenhas

LECOURT, Dominique. *Humano Pós-humano: a técnica e a vida*. Trad. Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Loyola, 2005.

Dominique Lecourt é professor de filosofia na Universidade de Paris 7 e presidente do Comitê de Ética do Instituto de Pesquisas para o Desenvolvimento (IRD). Seu trabalho fundamental foi coordenar o **Dicionário de história e filosofia das ciências**, consagrado pelo Institut de France. É autor de inúmeras obras, dentre as quais se destacam: **Contra o medo**; **A América entre a Bíblia e Darwin**; **Prometeu Fausto**; **Frankestein: Fundamentos imaginários da ética**; **A filosofia das ciências**; e **Humano Pós-Humano: A técnica e a vida**.

Podemos observar que na obra **Humano Pós-Humano: a técnica e a vida**, Dominique Lecourt, tem por objetivo mostrar as verdadeiras causas do mal-estar que as biotecnologias, ou melhor, os novos caminhos da ciência e em especial da bioindústria, têm provocado na civilização contemporânea pós-moderna. A nova realidade que se está introduzindo na vida do homem, em velocidade muito rápida, - a era biotecnológica - apresenta-se de tal forma que está abalando toda a estrutura do pensamento humano. Ora, a humanidade depositou sua confiança na ciência contemporânea, pois esta acreditava entender de tudo. Perante isso, o homem começou utilizar noções sobre as quais não quis refletir, pensar, atualizar ou renovar. Diante desses novos tempos, a humanidade está passando por um estado de crise.

No primeiro capítulo, *Biocatastrofismo e pós-humanidade*, o autor mostra uma análise dos discursos e das ações dos “biocatastrofistas”, expressão usada

por Lecourt para designar pessoas que consideram os avanços biotecnológicos uma ameaça à própria existência humana. A idéia de biocatastrofismo reina na opinião pública pela falta de esclarecimento daquilo que realmente seja um avanço tecnológico. Essa situação induz a ações “terroristas” contra os laboratórios e os cientistas, pois estes, os cientistas, estão sendo considerados como os grandes demônios da contemporaneidade. Os cientistas que trabalharam na área de pesquisa a respeito dos alimentos geneticamente modificados, foram os primeiros a receber esse tipo de crítica. A grande queixa dos biocatastrofistas, nesse caso, seria a redução da biodiversidade, ou seja, a diminuição da variedade dos genomas da espécie de plantas. Por este motivo a tecnologia é denunciada como uma arma mortífera que pode eliminar a raça humana e outros seres vivos do planeta Terra.

Com referência ao segundo capítulo, *O futuro segundo os tecnoprofetistas*, o autor aponta as considerações dos tecnoprofetistas, ou seja, daqueles que têm uma visão de prosperidade em relação aos avanços da biociência. Aqui vemos um discurso apoiado na ficção científica, manifestado numa dimensão de textos teológicos, nos quais se explica a aplicação dos avanços da biociência por meio de fundamentos bíblicos - assim os tecnoprofetistas são conhecidos como “tele-evangelistas”. Destarte, a tecnologia mostra-se uma “tecnoteologia” - movimento surgido principalmente nos Estados Unidos da América. A idéia de pós-humanidade é bem acolhida pelos tecnoprofetistas, uma vez que levará a humanidade a um novo estado ou modelo de vida e da qual nascerá a era biotecnológica. Nesta nova era todas as

dores, sofrimentos e desgraças serão superados. A inteligência artificial aparecerá como o triunfo dessa nova época. Acontecerá, também, o dia da libertação biológica dos seres humanos, no qual a humanidade ficará livre da sua prisão, a sua estrutura biológica.

Já no terceiro capítulo, *A técnica e a vida*, Lecourt mostra que esses dois conceitos estão entrelaçados. Quando abordamos essa relação entre técnica e vida aparece o processo de individuação, isto é, a técnica funda relações determinadas no cotidiano da própria vida e também as relações que cada pessoa tem consigo mesmo. A técnica não é exterior a vida humana. Para exemplificar esta idéia podemos citar os aparelhos celulares que modificaram a visão de tempo e espaço que o homem tinha, e este cultiva, hoje, uma relação muito íntima com esse aparelho. A problemática que emerge na relação da técnica com a vida é a do patenteamento das tecnologias, principalmente, o das biotecnologias, como por exemplo, no caso do Projeto Genoma Humano, em que vários cientistas estão patenteando – e aqui se vê uma corrida muito grande para obtenção de grandes retornos financeiros – os genes mapeados e seqüenciados, com isso emerge uma pergunta, até que ponto um ser vivo pode ser patenteado? Uma outra questão que se levanta é a sujeição dos povos à qualquer tipo de avanço biotecnológico, pois com isso a soberania de cada povo não pode ser comprometida? Essa correlação entre técnica e vida pede uma reflexão acerca da formulação de uma ética da generosidade, isto é, do fim lucro excessivo sobre as tecnologias e uma maior popularização dos avanços tecnológicos.

No quarto e último capítulo, *Humano pós-humano*, o autor nos leva a uma reflexão sobre a noção de pessoa, mostrando esse conceito na história do pensamento humano. Lecourt também faz uma viagem racional e consciente, indicando que o estado de pós-humanidade implica em ver cada pessoa se vendo no outro. Percebe-se que o pós-humano nos leva ao

afastamento da idéia de seres irracionais que geram por natureza a violência.

Assim sendo, a riqueza do conteúdo da obra *Humano pós-humano* de Dominique Lecourt nos leva a horizontes de uma reflexão ética nunca pensado antes, como também a uma filosofia que reflita o contexto atual, da qual a sociedade necessita. Essa obra é recomendável para uma leitura filosófica, porque abre possibilidades de grandes reflexões e debates em torno da vida humana. Ela também se torna marcante para a bioética, pois alerta a humanidade para uma meditação consciente sobre a problemática da vida humana. O capítulo quatro, *Humano pós-humano*, nos leva ao reconhecimento de nós mesmos nas outras pessoas, e isso se apresenta como uma grandiosa reflexão sobre o princípio de identidade humana. Ser humano na era biotecnológica implica um estado de pós-humanidade, que consiste em reconhecer o outro em si mesmo. A partir das novas reflexões éticas propostas pelo autor percebe-se a necessidade de aprofundamento da relação entre ética e ciência. Dessa maneira o homem estará preparado para o século XXI, que será conhecido como o século das biotecnologias.

Assis Henrique BRUGNERA
(Bacharel em Filosofia – PUC-Campinas)

PINHO, Romana Valente. *O essencial sobre Agostinho da Silva*. Lisboa, Imprensa Nacional, 2006, 95 p.

No ano do centenário de nascimento de Agostinho da Silva, Romana Valente Pinho publica um estudo introdutório sobre o pensador português que viveu de 1944 a 1969 no Brasil, realizando importante obra educativa e acadêmica, estando associado à fundação da Universidade de Santa

Catarina, à criação do Centro Brasileiro de Estudos Portugueses da UnB, à criação do Centro de Estudos Afro-Orientais da UFBA, a atividades docentes na Universidade Federal da Paraíba, a pesquisas no Instituto Oswaldo Cruz, na Biblioteca Nacional, a colaborações com o ministério da Educação.

O livro de Romana está dividido em duas partes. Na primeira, mostra o percurso biográfico de Agostinho, marcado pela contestação de totalitarismos, pela recusa de ditaduras e pela afirmação da liberdade de criar.

Na segunda parte, aponta os três eixos do pensamento agostiniano: a educação, a ação político-cultural, as reflexões filosófico-religiosas do autor, enfatizando o caráter utópico e messiânico de sua proposta, inspirada em Joaquim de Flora.

O livro se encerra com uma cronologia de vida e obra e uma síntese bibliográfica de obras do autor e sobre o autor.

Preciso, sintético, bem estruturado e escrito numa linguagem fluente, o livro de Romana traz ao público universitário brasileiro uma excelente introdução ao assunto.

A obra de Agostinho da Silva é de especial interesse para os estudiosos do pensamento luso-

brasileiro contemporâneo, uma vez que Agostinho da Silva esteve ligado às duas mais importantes escolas filosóficas dos dois países, no século XX : a Escola do Porto, que teve na Faculdade de Letras do Porto sua alta expressão, sob o magistério de Leonardo Coimbra; e a Escola de São Paulo, que encontrou seu pólo no Instituto Brasileiro de Filosofia e na *Revista Brasileira de Filosofia* e na revista *Diálogo*, sob a direção respectivamente de Miguel Reale e de Vicente Ferreira da Silva —este último, o mais original filósofo de inspiração heideggeriana no Brasil.

O laço de Agostinho com essas duas Escolas, nas quais estão arrolados alguns dos maiores expoentes da filosofia contemporânea em Portugal e no Brasil, faz de nosso autor um exemplo de mestre fundador, ao lado de Eudoro de Sousa e Delfim Santos, do que hoje se chama de pensamento luso-brasileiro.

A Escola do Porto e a Escola de São Paulo, cujas contribuições começam a ser melhor estudadas em Portugal e no Brasil, encontram na vida e obra de Agostinho da Silva, uma síntese feliz.

É uma iniciação ao diálogo assim estabelecido que o livro de Romana põe à disposição dos interessados nos percursos da vida do espírito.

Constança Marcondes CESAR
(PUC-Campinas / IBF)

